



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

HISTORIANDO ATRAVÉS DO HIP HOP NO COTIDIANO DAS AULAS DE HISTÓRIA: CONTRIBUIÇÕES PARA APLICAÇÃO DA LEI Nº 10.639/03 NA EDUCAÇÃO BÁSICA.

Regis Alves Pires¹

Resumo: Dialogar em relação às narrativas da população negra no Brasil, têm demarcado reparação para grupos que antes silenciavam suas origens e, ao mesmo tempo buscavam refletir sobre a democracia racial no país. “Saberes transformadores em reivindicações, das quais várias se tornaram políticas de Estado nas primeiras décadas do século XXI” (GOMES, 2018, p. 14), em 2003, foi aprovada a Lei nº 10.639 que torna obrigatória o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas de ensino pública e privada no Brasil, alterando a LDB. Refletir sobre o contexto historiográfico referente à presença da população negra em território brasileiro é necessário ter a compreensão da não participação dessa população nas narrativas da formação histórica, pois, “A História única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que seja mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma História se torne a única História” (CHIMAMANDA, 2019, p. 26). A solução para reconstruir as narrativas da historiografia não deve se guiar pela atitude individual de professores em determinadas escolas que dialoga com a Lei Nº 10.639/03, por ser militante do Movimento Negro, mas ter o entendimento de que a lei precisa ser aplicada no plano curricular da escola no cotidiano por parte da rede, que é responsável pela educação. Portanto a pesquisa tem como objetivo reunir as fontes relacionadas ao contexto da disciplina de História e contextualizar com métodos e o conceito da Pretagogia sendo aplicada através do Hip Hop, pois escola fortalece laços afetivos, mobiliza pessoas que passam a ser fundamentais para dialogar com uma educação antirracista. Nesse sentido dialogar com a PETIT com a Pretagogia é fundamental para o entendimento do silenciamento da população negra no Brasil. Portanto é nesse contexto que na E.E.B. José Lins de Albuquerque, idealiza o projeto “Historiando através do Hip Hop no cotidiano das aulas de História: contribuições para aplicação da Lei Nº 10.639/03 na educação básica”, tendo como referência o Hip Hop, sendo o conceito da Pretagogia e na metodologia das estações de aprendizagem criada por PETIT.

Palavras-chave: Antirracismo; Ensino de História; Escola; Hip Hop.

O surgimento das políticas afirmativas no Brasil tem demarcado novos movimentos de cidadania para grupos culturais que antes silenciavam suas origens. Em 2003, foi aprovada a Lei nº 10.639, que torna obrigatória o ensino de História e Cultura

¹ Mestrando do ProfHistória na Universidade Estadual do Piauí – UESPI, regisalvespires@gmail.com.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAEC/UECE - CRATEÚS**

Afro-Brasileira e Africana nos currículos escolares em todos os estabelecimentos de ensino da rede pública e privada no Brasil, e que altera a LDB (Lei de Diretrizes e Bases).

Refletir sobre o contexto historiográfico referente a presença da população negra em território brasileiro é necessário ter a compreensão da não participação dessa população nas narrativas da formação histórica do Brasil, pois segundo BUENO “Pensar a África é antes de tudo, um desafio epistemológico. Acostumamo-nos com as teorias e métodos acadêmicos, construídos muito naturalmente na Europa do século 19, que ignoravam solenemente dos currículos a presença histórica e as tradições afroasiáticas” (BUENO, 2019, p. 7). A solução para reconstruir as narrativas da historiografia não deve se guiar pela atitude individual de professores e professoras em determinadas escolas², que dialogam com a Lei Nº 10.639/03, por ser militante do Movimento Negro, sobretudo no que diz respeito aos referenciais teórico não apresentados nos cursos de licenciatura, pois a academia ainda é eurocêntrica, porém ter o entendimento que a lei precisa ser implementada no plano curricular das escolas no cotidiano por parte da rede que é responsável pela educação, mas compreendida as raízes históricas e estruturais que o consolida o racismo no Brasil. Nesse sentido o Movimento Negro Unificado - MNU oportunizou minha formação no contexto de uma educação antirracista e enfrentando o racismo no chão da sala de aula, dialogando também com as narrativas das letras antirracistas de RAP, Hip Hop, a música preta que está inserida nas periferias brasileiras e que eu tive essa afro vivência através dos bailes fank nos anos 90, com as letras críticas nas narrativas dos Racionais Mcs.

Pois, segundo Chimamanda, “A História única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que seja mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma História se torne a única História” (CHIMAMANDA, 2019, p. 26). Já que a escola fortalece laços afetivos, mobiliza conjuntos de pessoas que passa a ser fundamental para dialogar e produzir conhecimento e que ao mesmo tempo reflete as várias epistemologias. Pois “Epistemologia é toda a noção ou ideia, refletida ou não sobre as condições do que conta como conhecimento válido” (BUENO, 2019, p. 8). Já que existente no meio social onde estar inserido boa parte da população negra visto no contexto do período escravista

² O Movimento Negro Educador, saberes construídos nas lutas por emancipação – Nilma Lino Gomes.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

no Brasil e no cotidiano deixado pelo legado desse processo que aponta para a população negra o seu lugar no meio social, portanto, quando um preto ou uma preta rompe com esse apontamento, gera a narrativa de que esse lugar não é seu, como diz as narrativas de Mano Brown³ “Da ponte pra cá antes de tudo é uma escola Minha meta é dez, nove e meio nem rola”. Nesse sentido dialogar com Artur Lima de Avila “os historiadores e historiadoras precisam trabalhar para permitir mais e mais indagações em relação ao passado, especialmente em uma conjuntura de emergência de projeto que buscam censurá-las ou limitá-las” (AVILA, 2018, p. 47) e Circe Fernandes Bittencourt “As recentes transformações da História têm sido constatadas por pesquisas recentes, e enfrentam constantes desafios para se efetivarem, como a inclusão da história da África e da cultura afro-brasileira, da história dos povos indígenas ou das mulheres” (BITTENCOURT, 2018, p. 127). É fundamental termos o entendimento do silenciamento da população negra no Brasil, sobretudo referente a citação apresentada, já que essas narrativas muitas das vezes não estão nos livros didáticos na educação básica. Sendo assim segundo Nilton & Elison “torna-se bastante necessário uma reafirmação dos aspectos éticos e estéticos das narrativas e das formas de expressão do conhecimento utilizado pelos professores para criar e recriar conceitos históricos em sala de aula” (PEREIRA & PAIM, 2018, p. 1231).

Nesse sentido, apresento a proposta de pesquisa que tem como objetivo reunir os referenciais bibliográficos através do Ensino de História, as fontes históricas referente ao Hip Hop e contextualizar com o conceito da Pretagogia⁴, sendo aplicada no chão da educação básica no município de Itapipoca, no decorrer das aulas de História, fazendo valer as ações de vivências na aplicação da Lei N° 10.639/03, na EEB José Lins de Albuquerque entre os anos de 2017 a 2023. De acordo com a proposta desenvolvida por meio das aulas de História nas turmas de 9ª ano, onde podemos reunir as narrativas sobre

³ Mano Brown, nome artístico de Pedro Paulo Soares Pereira, é um rapper e compositor brasileiro. É produtor e vocalista do grupo de rapper Racionais MC's. Mano Brown nasceu em São Paulo, no dia 22 de abril de 1970. Cresceu no bairro do Capão Redondo, na periferia da cidade, em 1988, junto com Ice Blue, Edi Rock e KL. Jay, formou o grupo de rap Racionais MC's.

⁴ Referencial que criamos para a formação de professores e professoras envolvidos/as em produzir dispositivos para implementar, aos currículos escolares e universitários, a História e as culturas africanas, afro-brasileira e afrodiaspórica. Petit, 2015, p. 71.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAEC/UECE - CRATEÚS**

a origem do conceito do Hip Hop⁵, tecendo os sentidos da identidade desse movimento e buscando dialogar com as letras antirracistas desse gênero musical no contexto dos conteúdos do livro didático da disciplina de História.

Desenvolvimento

A minha lotação na EEB José Lins de Albuquerque em janeiro de 2017, fez com que o projeto a pretagogia no cotidiano escolar pudesse dar continuidade no contexto territorial do bairro do Violete periferia no município de Itapipoca que fica a cerca de 130km da capital cearense. No primeiro momento a necessidade de começar o diálogo junto a gestão pedagógica da escola para apresentar a Lei 10.639/03, e mostrar a urgência da aplicação da mesma no chão da sala de aula em parceria com multidisciplinaridade e inserir os professores e professoras, já, que há as inquietações por conta do novo, mesmo percebendo que a lei tendo mais de duas décadas ainda há o discurso que não teve essa formação na graduação, a partir dessas provocações pude perceber a necessidade de questionar a coordenação pedagógica da escola para poder elaborar um plano de ação para dialogar com lei citada e que no desenvolvimento das ações, foi utilizado como objeto o livro didático de História, portanto é nesse contexto que a E.E.B. José Lins de Albuquerque busca através do projeto político pedagógico (PPP) da escola dialogar com uma educação antirracista no cotidiano escolar, sobretudo tendo a referência no conceito da Pretagogia e na metodologia das estações de aprendizagem criada por PETIT.

As referências e as resistências das práticas e afrovivências negras, são apontadas no contexto de atividades pedagógicas utilizada nas aulas de História na turma de 9ª ano dos anos finais da EEB José Lins de Albuquerque, já que se desenvolve por meio de “Parte dos elementos da cosmovisão africana, porque considera que as particularidades das expressões afrodescendentes devem ser tratadas com bases conceituais e filosóficas de origem materna, ou seja, da Mãe África”. (PETIT, 2015, p. 119-120). No entanto o Hip Hop possui um lugar contraditório na construção desse gênero musical na narrativa da periferia e ao mesmo tempo política, tanto por divergir no grau de contato e afinidade teórica e política dos/as escritores/as/pesquisadores/as com os grupos, como também nas formas de participação e interação que esses interlocutores recebem no diálogo com os conteúdos do livro didático de História, dialogando com algumas letras de grupos de referência no Brasil como Racionais MCs, Emicida, MV Bill, Preto Zezé, enfim

⁵ A palavra Hip Hop surge a partir das gírias dos jovens do subúrbio norte americano em meados da década de 80 do século XX. Hip abreviação de hipster (pessoa que está na moda) e hop (viagem, apressar-se).



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

narrativas presentes tanto pelos educados como no contexto do diálogo entre os conteúdos do livro didático no que se referem ao Hip Hop como metodologia nas aulas de História.

A historiografia e a pesquisa em ensino de História têm se ocupado, nos últimos tempos, com a questão dos passados sensíveis, a pesquisa que se propõe a resgatar elementos do passado de grupos identitários, invisibilizados pela história oficial, as salas de aula da Escola Básica procuram formas de reconstituir lugares de memória que permitam aos grupos reatar relações com seu próprio passado e com a construção de uma memória.” (PEREIRA & PAIM, 2018, p. 1246).

Contudo precisamos perceber que os livros didáticos são limitados no que se refere aos conteúdos no contexto de África, nesse sentido dialogar com outras fontes que faça com que essas narrativas cheguem aos educandos é fundamental, veja a narrativa da professora Aurila “a Comunidade Quilombola de Nazaré é composta por cerca de cinquenta e duas famílias onde mais da metade são descendentes de escravizados. Sua fundação foi concretizada ainda no tempo da colonização do Brasil e não nos vemos no livro de História, segundo relata uma de suas lideranças⁶. É com as letras do gênero musical Hip Hop que buscamos apresentar esses grupos que historicamente são excluídos do livro de História, segundo Mirian Cristina de Moura Garrido “O PNLD 2013 (ciclo I EF), por sua vez, inaugura o credenciamento de obras de História regional e geografia regional” (BUENO, DURÃO & GARRIDO, 2019, p. 23).

Nesse sentido as provocações nas aulas de História juntos aos educandos no intuito de os mesmos terem a possibilidade de conhecer o continente africano através das letras antirracistas de indivíduos que estão inseridos no movimento Hip Hop e ao mesmo tempo possibilitado aos alunos e alunas a produção de narrativas nesse gênero musical que faz com que possamos reconstruir essa África no nosso cotidiano. Já que segundo a Beatriz Nascimento “Sofremos agressões sutilíssimas, na rua, na escola, no trabalho, até mesmo na família. Mas essa foi verdadeiramente a mais violenta. Não sei a que corrente pertence”.

⁶ Aurila Maria de Sousa Sales quilombola, pedagoga, Técnica da Secretaria de Educação de Itapipoca, Presidente da Associação dos Remanescentes de Quilombo de Nazaré – ARQNA, Coordenadora Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombola - CONAQ, Conselheira do Conselho Cearense de Mulheres e do Conselho de Mulheres de Itapipoca e Conselheira do Conselho da Igualdade Racial do Município de Itapipoca.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

É nesse sentido que buscou-se fazer dialogo junto com os educandos para os mesmos percebessem a importância de incluir outros agentes como um espaço geográfico de resistência da cultura negra em Itapipoca que reflete a partir da experiência de se vivenciar a Pretagogia⁷, pois o Hip Hop possui um lugar contraditório na construção desse gênero musical na narrativa da periferia como também nas formas de participação e interação que esses interlocutores recebem no diálogo com os conteúdos do livro didático de História, dialogando com algumas letras de antirracistas como a exemplo das narrativas na letra “capítulo 4, versículo 3 - 60% dos jovens de periferia Sem antecedentes criminais já sofreram violência policial A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros A cada quatro horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente”, que pode dialogar diretamente com o capítulo 3: Frente Negra Brasileira do livro didático História Sociedade e Cidadania Alfredo Boulos Junior ou “Mil Faces de um Homem Leal (Marighella) – Carlos Marighella Carlos Marighella essa mensagem é para os operários de São Paulo Da Guanabara, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Rio Grande Do Sul Incluindo os trabalhadores do interior Para criar o núcleo do exército de libertação” diálogo com o capítulo 12 - Ditadura civil-militar no Brasil do mesmo livro didático citado.

Portanto, a coordenação pedagógica da E.E.B. José Lins de Albuquerque é de fundamental importância na iniciativa de se construir um projeto de aplicação da Lei 10.639/03 no currículo pedagógico da escolar, onde a mesma mostra todo seu desempenho possibilitando que as atividades possam ser realizadas tanto nas aulas da disciplina de História como em conjunto com professores e professoras de outras disciplinas. Aonde vai contribuindo para que os educandos busquem perceber que a cultura da população negra permanece viva no cotidiano de nossas cidades e que é preciso fazer a diferença no ambiente escolar saindo dos muros que cercam o contexto da educação brasileira e construímos junta uma identidade negra⁸. Nesse sentido, podemos

⁷ A Pretagogia, referencial teórico-metodológico em construção há alguns anos, pretende se construir numa abordagem afrocentrada para formação de professores e educadores em geral.

⁸ Munanga Kebengele, Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. 2009. p. 81.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

fazer o apontamento de ações de uma educação antirracista realizadas no decorrer das aulas de História, as afrovivências interativas e rodas de diálogos mediados por convidados e convidadas a exemplo da Dra. Francisca Gois⁹, onde as experiências no contexto do conceito da Pretagogia foram fundamentais, servindo de fundamentação teórica também para que outros professores e professoras de outras disciplinas pudesse dialogar com letras não somente de rap mais de diversos gêneros musicais em suas aulas, pois segundo Verena Alberti “as diferentes formas de resistências a escravidão são também sinais evidentes de que os africanos e seus descendentes não eram vítimas passivas” (ALBERTI, 2013, p. 45). Fundamenta as narrativas de dialogamos com outras fontes e apresentar uma África diferente daquela que está nos livros de Histórias. Como relata Lorena dos Santos “Uma África colorida pelas cores do pan-africanismo, repleta de imagens bonitas, de símbolos, desenhos geográficos, capulanas e mascaras, entre outros elementos artísticos e culturais, emergiu em diversos relatos, evidenciando que perspectiva de posituação tem efetivamente orientado as escolhas pedagógicas e a seleção de matérias didático” (SANTOS, 2013, p. 77).

Incidir o olhar sobre as relações rap-sociedade torna possível o estudo de que forma certas tensões sociais se exprimem no campo da cultura e de como o Brasil foi/é percebido em termos simbólicos em parte das músicas do gênero, que dão vazão ao protesto, a insatisfação e ao desejo ante o social. Afinal o rap abre espaço para a construção de representações sobre a sociedade brasileira, articulado as narrativas das dores, das visões de mundo, da violência do racismo presentes na História contemporânea. (CAMARGOS, 2015, p. 27).

Nesse sentido dialogar com as letras antirracista de RAP – Hip Hop poderá possibilitar uma compreensão da leitura crítica do educando, “embora muitos jovens envolvidos com o hip hop acabassem por realizar algumas ações de deliberado cunho sociopolítico”. (CAMARGOS, 2015, p. 26).

⁹ Francisca Gois da Silva, primeira mulher negra a se candidatar prefeita pelo PT no município de Itapipoca na década de 80 do século XX, resistência negra no cotidiano, graduada em enfermagem, com mestrado em saúde pública, pedagoga com especialização em meio ambiente, local de trabalho, unidade de pronto atendimento – upa, ministra aula de biologia e ciências no centro de educação de jovens e adultos – CEJA em Itapipoca.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAEC/UECE - CRATEÚS**



Figura 1 – narrativas da ex ministra Matilde Ribeiro na aula de História em agosto de 2023 – EEB José Lins de Albuquerque - Itapipoca. Fonte: elaborada pelo autor.

Considerações finais

No decorrer das aulas na disciplina da História na turma de 9ª ano na EEB José Lins de Albuquerque podemos perceber que a partir do momento que tiveram o contato como as narrativas das letras antirracistas foram possível dialogar com os textos dos referentes aos conteúdo do livro didático de História onde há a contextualização ao mesmo tempo com a aplicação da Lei N° 10.639/03, para poder dialogar no chão da sala de aula sobre as narrativas do legado escravista no nosso cotidiano inserida nas letras de rap no Brasil e ao mesmo tempo refletir sobre a necessário por parte das Secretarias de Educações Básica no território brasileiro de introduzir formações continua para que se



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAEC/UECE - CRATEÚS**

possa aplicar a referida Lei no cotidiano do currículo pedagógico de suas escolas em seus municípios, já que segundo Nilton & Elisonn “que o pensamento decolonial torna possível repensar o ensino de História”, pois a partir do momento que tivermos a oportunidade de beber das letras antirracistas nos relacionam diretamente com a teoria, e fez com que houvesse uma aceitação da diversidade étnica racial e ao mesmo tempo se buscar preservar a cultura e a ancestralidade dos nossos educandos, já que, por outro lado, o livro didático é limitado, sendo assim, há necessidade de mostrar para sociedade a importância da cultura dos povos trazidos de vários lugares da África e que permanece viva no contexto das várias comunidades seja no contexto do quilombo rural ou urbano, por fim dialogar com as afro vivências é a base para aplicação da Lei 10.639/03 e o combate ao racismo estrutural e institucional no chão das escolas.

Referências bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi, O perigo de uma História única, 1ª ed – São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

AVILA, Arthur Lima. Indisciplinando a historiografia: do passado histórico ao passado prático, da crise à crítica.

BONFIM, Marco Antônio Lima do Bonfim; Francisco Jeimes de Oliveira Paiva (organizadores). I Curso de Formação em Relações Étnico-Raciais e Combate ao Racismo do Movimento Negro Unificado do Ceará (turma Preta Simoa): Saberes construídos na luta antirracista cearense. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 202p. Coleção formação do movimento negro unificado. Trajetória históricas e práticas pedagógicas da população negra no Ceará/organização Ivan Costa Lima; Joelma Gentil do Nascimento. – Fortaleza: Imprece, nº 1, Jan. 2009.

CUNHA, Junior Henrique, Artefatos da Cultura negra no Ceará (2013): formação de professores: 10 anos da Lei Nº 10.639/03: cadernos de textos/organizadores Henrique Cunha Junior...[et al.]. – Fortaleza: Gráfica LDC, 2013.

DURÃO, Gustavo de A. Separação, Colonização e Contestação: Por Uma Busca de Uma Historiografia Africanista. REVISTA PLURI, v. 3, n. 1, p. 29-40, 2020.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAEC/UECE - CRATEÚS**

LOPES, Carlos. A Pirâmide Invertida-historiografia africana feita por africanos. Actas do Colóquio Construção e ensino da história da África, p. 21-29, 1995.

NASCIMENTO, Beatriz. Por uma história do homem negro.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A história africana nas escolas brasileiras: Entre o prescrito e o vivido, da legislação educacional aos olhares dos especialistas (1995-2006). História. São Paulo, 2009, p.143-172.

PEREIRA, Nilton Mullet; PAIM, Elison Antonio Para pensar o ensino de história e os passados sensíveis: contribuições do pensamento decolonial.

PETIT, Sandra Haydé, Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei Nº 10.639/03. Fortaleza: EdUECE, 2015.